

RABELO, Miriam C. M. **Enredos, feitura e modos de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé**. Salvador: EDUFBA, 2014. 296 p.

Martina Ahlert

Universidade Federal do Maranhão
E-mail: ahlertmartina@gmail.com

“**E**nredos, feitura e modos de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé”, de Miriam Rabelo, é uma etnografia sobre as relações construídas e continuamente reforçadas entre entidades e humanos no candomblé. Embora o tema já tenha sido foco de outras pesquisas – como a própria autora ressalta – o livro brinda o leitor com análises que retomam, questionam e propõem novos caminhos para as pesquisas sobre religiões afro-brasileiras. Nesse sentido, Rabelo pontua importantes discussões sobre noção de pessoa, aprendizado e materialidade, a partir do debate com a antropologia, mas também com autores de outras perspectivas disciplinares, como a filosofia e a geografia.

Resultado da articulação entre pesquisa de campo e teoria, a escrita de Rabelo apresenta um contexto onde se manifestam seres, cheiros, agências – onde se criam e se sustentam sensibilidades, hierarquias e sentimentos. O universo que se abre ao leitor é habitado por pessoas como Mãe Beata, Detinha, Ritinha, Curió, mas também pelas entidades (orixás, caboclos, pombajiras e exus) que os acompanham e interferem em suas vidas. São esses seres e suas vivências que permitem à autora enfatizar a importância da prática na análise desse contexto, ressaltando a ação como locus de articulação entre passado e futuro. Nesse sentido, o tempo é uma categoria fundamental no livro, assim como a categoria espaço – compreendida não como lugar apartado da

experiência, mas como “uma simultaneidade de histórias”, em que “a diferença se constitui e tem que ser negociada”. (Rabelo, 2014, p. 21)¹

Entender escopos temporais e a constituição dos espaços a partir das práticas que cruzam biografias aparece, na obra, como preocupação conjugada à discussão sobre movimento. Desde o deslocamento ao terreiro, passando pelo mover-se no momento da incorporação de alguma entidade, o movimento dá sentido às experiências vividas pelos sujeitos. Com essas considerações, o livro discorre sobre a religião e indica uma concepção de mundo da qual ela participa. A pesquisa de campo transcorreu no ano 2000, em um bairro popular da capital baiana, no terreiro de Mãe Beata, na casa de candomblecistas e nas suas redes de socialidade.

O início de “Enredos, feituas e modos de cuidado” discorre sobre os percursos de diferentes sujeitos até o seu engajamento com o candomblé. De forma mimética, o leitor, ao se aproximar do texto, também ingressa na densa narrativa sobre a trajetória das pessoas, conhecendo situações de resistência e de aceitação da presença das entidades em suas vidas. A visita a terreiros diversos, a outras religiões e espaços de cura mostra que esses percursos não são lineares, mas que, nestes casos, diversas pessoas – como familiares e vizinhos, por exemplo – contribuíram no caminho que levou as pessoas às casas religiosas. Destaca-se, neste âmbito, o bairro como lugar por excelência para uma aproximação com o candomblé, dada a possibilidade de convivência com as entidades no cotidiano, tanto nos terreiros ou casas, quanto nos bares e ruas.

Nesses movimentos constantes e incertos entre diferentes locais, o ingresso efetivo em um terreiro é marcado pela necessidade de lidar com as aflições provocadas pelas manifestações das entidades. Nesse sentido, ter uma vida no santo é imperativo, não opção. É também por meio da aproximação com o terreiro que passam a serem cultivadas as relações entre pessoas e entidades. Essas experiências, entretanto, não habitam uma esfera separada da vida dos sujeitos; as entidades se tornam parte das relações sociais – podendo enfatizar laços entre gerações familiares (por intermédio da compreensão da obrigação como herança, por exemplo) ou adensar as redes de contato em virtude

dos atendimentos e trabalhos que realizam para clientes, conectando pessoas. Pode-se perceber, a partir da sugestão de Rabelo, que o passado, nestas situações, não é apenas confirmado (quando se conclui, enfim que as aflições eram causadas pelas entidades), mas, ao ser retomado, abre espaço para os estranhamentos e para reconhecimento da presença destes seres na trajetória de uma pessoa. Ou seja, “[...] o candomblé busca conduzir seus adeptos em direção a um futuro que volta ou reassume o passado”. (Rabelo, 2014, p. 77)

Com o ingresso de um novo filho de santo em um terreiro, é preciso descobrir seu enredo, ou seja, conhecer os “muitos caminhos que se cruzam e imbricam na pessoa, formando uma história” (p.93). Esta é uma parte importante do processo de iniciação (feitura) de um neófito em uma casa. Os rituais de feitura nos remetem à discussão sobre noção de pessoa, haja vista a aproximação e mistura que acontece entre a pessoa e as entidades que a acompanham. A sugestão da autora é pensar que esses rituais, antes de criar algo novo, instituem uma pessoa (múltipla e em constante transformação) que já era existente, mas não evidente. Por meio do cumprimento das responsabilidades, compromissos e obrigações, essa pessoa se desenvolve no terreiro na medida em que investe na relação com suas entidades.

Falar sobre feitura e sobre pessoa é discorrer também sobre aprendizado. Existem diferentes experiências para um novo filho de santo em um terreiro. Por um lado, há um aprendizado ligado às diversas atividades que devem ser efetuadas para manter o cotidiano de uma casa. Existe ainda (e não de maneira separada) o conhecimento sobre a religião, sobre seus procedimentos e segredos. Esse conhecimento, como aponta Rabelo, é marcado não pelo acesso livre, contínuo ou escolar a um saber, mas por comportamentos que pressupõem submissão, desconhecimento e homenagem. O aprendizado

[...] é menos um processo de modelagem (pelo qual uma massa disforme ganha forma) do que um modo de cultivo (pelo qual certas energias são despertadas, alimentadas e canalizadas para o bem-estar do terreiro e dos seus filhos). A questão principal não é, portanto, criar um tipo de pessoa, mas saber reconhecer um tipo e encaminhá-lo a contento. (Rabelo, 2014, p. 124)

O aprendizado tem uma dimensão encarnada, a possessão. Como “evento relacional” (Rabelo, 2014, p. 128), ter o corpo tomado por um orixá/caboclo implica aprendizado tanto para os filhos de santo quanto para as entidades. Ambos precisam conhecer regras e formas de comportamento. Não se trata, entretanto, de um processo de interiorização e posterior aplicação destas regras, mas do desenvolvimento da relação entre estes diferentes seres – o que coloca a possibilidade de existência de disposições afetivas e habilidades. Ainda que este pareça ser um processo de individuação, ele não acontece sem as diversas ajudas e participações que se dão no espaço do terreiro. Com o passar do tempo, a relação entre pessoa e entidade se transforma, as possessões são mais raras, a autonomia e o distanciamento se tornam mais recorrentes.

Rabelo faz uma análise da literatura socioantropológica que tem buscado chaves interpretativas para a possessão (ora figurando como relacionada a interesses, ora como possibilidades terapêuticas ou ainda como empoderamento dos sujeitos). Sugere, nesse sentido – assim como em Rabelo (2008), que para se compreender a possessão, é preciso levar em conta o desajustamento que ela opera. Ou seja, devemos considerar que, quando incorporados, os sujeitos não possuem o controle de seus corpos. Desta feita, pode-se falar de modalidades de agência nas quais se inserem entidades e sujeitos. A partir dessas considerações – e de um diálogo com a fenomenologia que propõe entender a possessão como prática encarnada – a autora enfatiza que corpo e possessão não devem ser tomados como categorias genéricas que permitem um ponto de partida para a análise da vida social. Antes se deve partir das “[...] práticas situadas do candomblé para entender as articulações que elas promovem e que fazem emergir no corpo virado”. (Rabelo, 2014, p. 182)

Se as entidades se manifestam pela possessão, elas também se fazem presentes, no espaço dos terreiros, por intermédio de seus assentamentos. O assentamento de um orixá é formado pelo otá (a pedra onde está assentado), por um conjunto de búzios e por insígnias a ele relacionadas. Como o assentamento é também a entidade, o cuidado com ele é o cuidado com o orixá. A partir do assentamento – e do lugar que ele ocupa no terreiro – se dispõem outros espaços e pessoas.

Ou seja, na medida em que ele torna visível a relação entre o filho de santo e o seu orixá, também fala sobre a relação de ambos com a mãe de santo e com o terreiro de uma forma geral.

A discussão sobre as “coisas” que compõem o assentamento – e sua influência na dinâmica relacional de um terreiro (ou seja, o impacto que causam nas relações sociais) – remete ao debate sobre materialidade. Para entender a complexidade de tal configuração, Rabelo aposta na necessidade de transcender uma dicotomia colocada pelos estudos de cultura material que, por um lado, entendem as coisas pelo significado que portam; e, por outro, as compreendem como exterioridade². É preciso, portanto, romper com a distinção entre o que é objeto e o que é sujeito, para conseguirmos perceber a voz que as coisas possuem. Para a autora, podemos pensar que elas se comunicam conosco por intermédio das qualidades sensíveis que portam (não apenas no nosso contato, mas nas maneiras em que se significam umas às outras)³. Enquanto assentamentos ou enquanto movimento (na possessão), as entidades, portanto, funcionam como mediadoras nas relações sociais (Latour, 2005, p. 191), pois, “[...] sua ação produz diferença no desenrolar dos eventos”.

Existem outros aspectos relacionados ao aprendizado e ao conhecimento no candomblé que implicam compromissos e engajamentos. Nesse sentido, Rabelo nos conta sobre a importância da comida, do repouso, do chão e da circulação do axé. O envolvimento das pessoas com estas diversas atividades (e com tudo o que elas demandam), faz da participação no candomblé algo muito laborioso. Entretanto, estas diversas esferas da vida no terreiro também permitem o desenvolvimento de sensibilidades, a constituição e instituição de pessoas. A partir delas, se desenvolve uma ética do cuidado, que mobiliza os agentes e toda uma rede trocas. A partir do trabalho de Michael Lambek (2010, p. 265), a autora sugere que:

Não é difícil perceber essa dimensão ética no candomblé: quando participam dos ritos de feitura, os adeptos de uma casa não só se comprometem com a realidade produzida na feitura – que faz nascer um iaô e um santo – como assumem responsabilidade por seus desdobramentos na vida do terreiro. No candomblé, a feitura e o cuidado

são, de fato, aspectos de um mesmo processo – fazer uma pessoa e um santo é sempre também cuidar para que uma relação seja firmada e desenvolvida.

Quando ingressam em um terreiro e desenvolvem suas relações com as entidades, as pessoas também assumem diversos compromissos umas com as outras. As relações não estão dadas e garantidas, elas são incertas e dependem (para existirem e para tornarem as pessoas possíveis) de muito trabalho, comprometimento e reciprocidade. O cuidado, parte do compromisso e aprendizado, resulta em transformação.

O conhecimento e o aprendizado ainda chamam atenção para os jogos entre visibilidade e invisibilidade; exibição (como nas festas) e ocultamento (como o cuidado), que constituem o candomblé. Vemos se constituir, no texto, o entendimento de que o mundo nunca é completamente conhecido, o saber nunca é totalizante, “[...] a multiplicidade nunca [é] plenamente revelada” (Rabelo, 2014, p. 284). Nessa perspectiva de mundo, o terreiro aparece como espaço que incentiva a multiplicidade de sujeitos, mostra a importância das alianças, destaca a imprevisibilidade e engaja as pessoas em uma “exploração criativa” do mundo.

Notas

- ¹ Discussão apresentada a partir de Massey (2005).
- ² “O que estas duas posições têm em comum é seu empenho em manter separados os domínios do não humano e do humano, ou do material e do sentido. Atribuem, por isso, um caráter não problemático às coisas: ou seus efeitos são meras projeções e vêm de uma fonte exterior a elas – a cultural -, ou obedecem às leis de causalidade operantes no mundo da natureza. Nenhuma contaminação ou mistura entre esses dois domínios”. (Rabelo, 2014, p. 193)
- ³ Merleau-Ponty (1994) e Ingold (2007) são autores que, segunda a autora, nos permitem problematizar estas questões.

Referências

INGOLD, Tim. Materials against Materiality. **Archeological Dialogues**, Cambridge, v. 14, n. 1, p. 9-20, mar., 2007.

LAMBEK, Michael. Introduction. *In*: LAMBEK, Michael. (Org). **Ordinary ethics: anthropology, language and action**. New York: Fordham University Press, 2010.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

MASSEY, Doreen. **For space**. London: Sage, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

RABELO, Miriam. A possessão como prática: esboço de uma reflexão fenomenológica. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 87-118, 2008.

Recebido em 09/12/14

Aceito em 01/07/15